

## **A Fotógrafa, o Presidente, a Janela Trincada e a Imagem. Entre a Estética e a Opinião Pública<sup>1</sup>.**

Ivan da Costa Alecrim Neto<sup>2</sup>  
José Afonso Jr<sup>3</sup>.

Universidade Federal de Pernambuco, Campus Recife, PE

### **RESUMO.**

O ponto de partida é a imagem de autoria da fotojornalista Gabriela Biló sobrepondo duas fotografias. Uma, do presidente Lula e outra, de uma janela trincada, tomadas nos desdobramentos da intentona golpista de 8 de janeiro de 2023. A imagem foi publicada na primeira página do jornal Folha de São Paulo no dia 19 do mesmo mês. Destarte, recupera-se rapidamente a historiografia da fotomontagem e problematiza-se a imagem em tela sobre dois prismas: a) com a teoria dos valores-notícia aplicando-os ao fotojornalismo, e b) com o conceito de acontecimento de Michel Foucault. O objetivo é permitir o diálogo convergente de matrizes distintas que remetem tanto à teoria pragmática da notícia e do fotojornalismo, como da desconstrução pós-estruturalista. Assim, procura-se a entender a imagem como um acontecimento em si, para além do que ela representa factualmente. Como conclusão, tem-se a compreensão da imagem sobreposta como um sintoma que a mesma é implicada, sendo dilatada dos eventos que permitem seu aparecimento, como também situa a mesma como acontecimento discursivo.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Fotojornalismo, fotomontagem, acontecimento, intentona golpista.

#### 1. Apresentação, contexto e cenário de uma imagem.

No dia 19 de janeiro de 2023 o jornal Folha de São Paulo traz na sua primeira página uma fotografia, de autoria da fotojornalista Gabriela Biló, onde se vê o presidente Luís Inácio Lula da Silva sobreposto a um vidro trincado. A fotolegenda indica que a imagem resulta da técnica de múltipla exposição. A imagem, ao seu turno, é um recurso operado na câmera fotográfica, quando uma captura é sobreposta a outra ou mais capturas de modo a gerar no mesmo arquivo uma sobreposição. No caso da imagem em questão, o epicentro gráfico do vidro avariado está justaposto em região do corpo do Presidente que corresponde anatomicamente onde se situa o coração.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação PPGCOM – UFPE. Email: [ivan.alecrim@ufpe.br](mailto:ivan.alecrim@ufpe.br)

<sup>3</sup> Professor/ Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Univ. Federal de Pernambuco, PPGCOM- UFPE. Email: [jose.silvajr@ufpe.br](mailto:jose.silvajr@ufpe.br)

# FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

ANO 102 ★ Nº 34.259

QUINTA-FEIRA, 19 DE JANEIRO DE 2023

R\$ 6,00



Foto feita com múltipla exposição mostra Lula ajeitando gravata e vidro avariado em ataque

## No foco de Lula, presença militar no Planalto é recorde

Até novembro havia 1.231 membros das Forças cedidos à Presidência; 13 são exonerados do GSI, alvo de desconfiança

Alvo de críticas de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) após os ataques do dia 8, os militares chegaram ao fim de 2022 com presença recorde dentro do Palácio do Planalto. Segundo dados oficiais, até novembro estavam requisitados e cedidos à Presidência 1.231 membros da ativa das Forças Armadas.

O número é 20% maior que o contingente de novembro de 2018, sob Michel Temer (MDB), e reflete a estratégia de Jair Bolsonaro (PL) de recorrer aos fardados para vários setores do governo. Não estão incluídos militares da reserva, alocados pelo ex-presidente até em chefia de ministérios.

O Planalto exonerou 13 militares do Gabinete de Segurança Institucional, responsável por proteger Lula. Outros 40 que atuavam no Palácio da Alvorada já tinham sido dispensados. **Política A4**  
**Ex-ministro Anderson Torres se cala durante depoimento à PF A8**

### Juliano Spyer Desbolsonarizar a fé evangélica

Quem está disputando o controle das igrejas com o bolsonarismo são evangélicos moderados. São fiéis e lideranças que abraçaram a missão de manter o diálogo aberto com seus pares, para não entregar suas igrejas para a extrema direita. **Cotidiano B2**

### Americanas tem um terço de sua dívida com bancos públicos

Instituições públicas concentram um terço (R\$ 6,4 bi) da dívida das Lojas Americanas. Para reduzir perdas, a Advocacia-Geral da União deve ingressar como parte interessada no processo de recuperação da companhia. **Mercado A14**

### Governo costura no Congresso apoio à reforma tributária

### Petista critica meta atual de inflação e autonomia do BC

A autonomia do Banco Central foi classificada como "bobagem" pelo presidente Lula (PT), que afirmou ser exagerada a meta de inflação, hoje em 3,25%. Segundo ele, o objetivo obriga o BC a implementar arrocho econômico elevando juros. **Mercado A17**

### 8 de janeiro foi início de golpe de Estado, afirma presidente

O presidente Lula (PT) disse que os ataques em Brasília em 8 de janeiro foram o "começo de um golpe de Estado". Em entrevista à GloboNews, ele afirmou que os atos eram preparados há "muito tempo" e criticou a inteligência federal, que, para ele, "não existiu" no dia.

O petista declarou que não teria viajado a São Paulo se tivesse sido informado da previsão de ataques. Segundo Lula, Jair Bolsonaro (PL) "queria voltar ao Brasil na glória de um golpe". Desde 30 de dezembro nos EUA, o ex-presidente avalia alongar a estada. **Política A6**

Figura 1. Primeira página do Jornal Folha de São Paulo publicada no dia 19 de fevereiro de 2023. Fonte: Folha de São Paulo. Foto: Gabriela Biló.

A ocasião onde as imagens foram capturadas correspondem aos desdobramentos da intentona golpista ocorrida em Brasília no domingo, 8 de janeiro de 2023, (denominaremos daqui a diante como J8) quando centenas de militantes de extrema direita invadiram as sedes dos três poderes da república com a complacência das forças militares e policiais do Distrito Federal. No caso, a ação golpista envolveu pessoas em boa parte já acampadas em Brasília em frente ao Comando Militar do Planalto, desde o desfecho das eleições; bem como centenas de outras vindas de diversas regiões do país, organizadas e articuladas para a tentativa de reconduzir o candidato derrotado nas eleições, via golpe, de volta à cadeira presidencial.

O fato é que a intentona não logrou êxito, gerando reações de condenação das mais diversas origens institucionais, sociais e da esfera pública. Prosseguindo, todo esse movimento foi acompanhado pela aparição de milhares de fotografias e vídeos, que de

modo perturbador, descrevem e explicitam as ações de invasão, vandalismo, agressões físicas e destruição do patrimônio público<sup>4</sup>.

Passados 11 dias do J8, temos, nos desdobramentos dos fatos, a composição da primeira página do jornal Folha de São Paulo, (edição do dia 19 de janeiro de 2023, uma quinta-feira). Daí, se retroalimentou tanto o debate sobre os atos golpistas do J8, como uma corrosiva discussão sobre o conjunto de fatores, intencionalidades, e significados na qual a imagem implicava.

Dentro do conjunto de argumentos e contra-argumentos que envolveram o caldo discursivo no entorno da imagem, os principais atributos que alimentavam a controvérsia versavam sobre se isso é fotojornalismo? Ou arte? Fotojornalismo pode ser arte? A imagem incentivaria um atentado a Lula? A imagem faria uma alegoria da resistência de Lula ao J8? Sem evidentemente, poupar a fotógrafa com seguidas ameaças.

“Para muitos, matei o presidente. O ódio é tão grande que me sufoca num ataque de manada misógino, etarista e conservador. Sofro ameaças de morte. Planalto solta uma nota, contra mim: “uma ameaça à vida do presidente”. Minha foto... Eu?”. (BILÓ, 2023).

A delimitação/ exclusão metodológica aqui não visa responder esse conjunto de indagações acima, pois colocaria a discussão em um atoleiro sem fim de disputas cronológicas, epistemológicas e pela subjetividade da imagem.

Ao invés disso, situaremos a abordagem dentro de uma perspectiva de prática fenomenológica (por que essa imagem/ fotografia é como é?). O método é analisar a imagem de Gabriela Biló como fenômeno sobre a luz de dois prismas, de modo interdependentes e complementares: primeiro, das estratégias de motivação da opinião pública pela inserção da imagem na cadeia de notícias e da mesma como protagonista das discussões; segundo, pelo deslocamento e efeito estético entre o jornalismo e a fotografia, esta aqui compreendida pela própria natureza da imagem problematizada que assume o lugar de acontecimento em si mesma. Daí, também exercitar o diálogo coma teoria dos valores notícia do jornalismo em uma síntese pouco provável e, assumidamente herética, com o conceito de acontecimento em Michel Foucault. As resultantes desse caldo teórico, conceitual e epistemológico procura iluminar algumas tendências e contradições

---

<sup>4</sup> No momento em que este texto é escrito, entre abril e junho de 2023, boa parte dessas mesmas imagens são integrantes como prova dos processos movidos contra os manifestantes golpistas.

presentes nas metamorfoses que a fotojornalismo passa no começo da terceira década do século XXI. Em que pese pretencioso, nos lançamos no desafio.

## 2. Uma fotografia é pouco.

Numa primeira abordagem, partindo das características inerentes à imagem publicada, algumas camadas de sentido aderem ao trabalho de Gabriela Biló. Primeiro, se recupera um repertório extenso da própria história da fotografia que expõe o uso de fotomontagens, sobreposições, múltiplas exposições. Enfim, toda uma sorte de recursos visuais acionados no momento de pós-produção, tratamento, ou se preferir, manipulação do conteúdo visual.

Em dois livros clássicos sobre o assunto, *Fotomontaje*, republicado em 2008, de autoria de Jacob Capistrán; e *Photomontage*, de 2002, de Dawn Ades, esse conjunto de técnicas surge com as tendências de diálogo entre a própria prática fotográfica e recursos vindos das artes visuais e gráficas. Para Capistran, (2008, p. 20) “a fotomontagem é um princípio de criação de imagens que se obtém a partir da justaposição de duas ou mais fotografias sobre um mesmo plano visual”. De certo modo, “a manipulação de fotografias e fotomontagem é tão antiga com a fotografia em si mesma” (ADES, 2002, p. 07), tem seus antecedentes nos trabalhos autores como Henry Peach Robinson, Oscar Gustav Rejlander, e Valério Viera, a título de exemplos, entre outros, que produziram trabalhos de grande importância como *Fading Away* de 1858, *the two ways of life* de 1857, e os 30 Valérios de 1901<sup>5</sup>.

Prosseguindo, durante esse percurso lado-a-lado com a fotografia, a fotomontagem se aplicou à publicidade, as artes gráficas, e também com intencionalidades propagandísticas e políticas (CAPISTRAN, 2008, p. 16 e p. 106). Mas o nome montagem, com o uso de fotografias, surge somente após a primeira guerra mundial, quando dadaístas berlinenses precisavam de um nome/ conceito para designar a nova técnica usada para introduzir as fotografias em suas obras (ADES, 2002, p. 12).

A ressalva que se faz sobre a foto do Presidente Lula sobreposto à uma janela trincada, é que este caso não é bem uma fotomontagem, e sim uma sobreposição de imagens feita na própria câmera durante o ato fotográfico. Esse argumento discursivo é

---

<sup>5</sup> Para uma abordagem historiográfica extensa sobre técnicas e exemplos de fotomontagem, manipulação e falsificação na fotografia, conferir o catálogo da exposição *Faking It: manipulated photography before the photoshop*, realizada no Metropolitan Museum of Art, em 2011 em Nova Iorque. Conferir nas referências bibliográficas.

inclusive colocado na fotolegenda da imagem, quando da sua publicação, o que, ao seu turno, deflagra uma dupla função: didática, por informar ao leitor o procedimento de obtenção da imagem, e também retórica. Assim, como enunciador, o jornal reafirma o seu *ethos*, se legitimando e se ressalvando simultaneamente, em seu papel institucional acerca de um conjunto de saberes sobre algo, no caso, a notícia.

A legitimação se dá, em boa parte, no reforço do papel, estatuto e deontologia presente no contrato social de informar sobre o tempo presente e os acontecimentos relevantes. A saber, elementos presentes a própria definição de notícia (TRAQUINA, 2004, p. 17; TUCHMAN, 1978, p. 21). A parte da ressalva, na composição ambígua da primeira página do dia 19 de janeiro, é que a imagem descorporifica o testemunho do acontecimento. A partir de duas indicialidades que estiveram à frente da câmera – o retrato de Lula – e uma vidraça quebrada – cria-se um arranjo, ou cenário, que acusa a distribuição de papéis da elaboração de uma representação visual do acontecimento segundo um certo *ethos*.

Mas onde está o acontecimento?

Como descrito, são duas fotografias na imagem. A primeira com Lula ajustando a gravata, com um deduzível sorriso não à mostra, cabeça abaixada, durante uma cerimônia com representantes das centrais sindicais realizada no Palácio do Planalto, no dia 18 de janeiro. A segunda, com uma vidraça trincada. Em texto publicado pela fotógrafa na edição 24 da revista Zum, publicada em março de 2023, essa vidraça partida pertence aos rescaldos do J8:

“Subo para o terceiro andar do palácio. Vai começar uma agenda presidencial com Lula. Olho as janelas quebradas, penso em como estivemos perto de perder tudo. Penso na resistência. As pessoas confiam nos meus olhos. Não está tudo bem. Não posso fingir que está tudo bem, seria mentira se o fizesse. É doloroso. Coloco a câmera no modo de múltipla exposição, aponto para a janela: um clique. Aponto para o presidente e espero um gesto que traduza o que vejo, o que percebo. Outra clique, uma foto, dois cliques” (BILÓ, 2023, p. 109).

### 3. Problemas à vista.

Do acontecimento em si - a reunião com centrais sindicais - foram feitos outros registros de modo a cumprir o contrato fotojornalístico de trazer a dimensão visual do fato ao público. Na mesma edição, foram publicadas duas outras fotografias. Numa, na relação figura/ fundo vê-se Lula alinhado a um fragmento de texto projetado atrás dele onde seu rosto cobre parcialmente as letras C e O sugerindo o que parece ser o símbolo do infinito, ou talvez, as orelhas do Mickey Mouse.



Figura 2. Fotografia do Presidente Lula na página A6 do Jornal Folha de São Paulo do dia 19 de fevereiro de 2023. Fonte: Folha de São Paulo. Foto: Gabriela Biló.

Na segunda foto, temos o flagrante de uma conversa de pé de ouvido entre o Ministro do Trabalho, Luiz Marinho e o Presidente. O volume que a controvérsia ganhou não menciona essas duas fotos e ficou nucleado na imagem da primeira página.



Figura 3. Fotografia do Presidente Lula conversando com o Ministro do Trabalho, Luiz Marinho, na página A17 do Jornal Folha de São Paulo do dia 19 de fevereiro de 2023. Fonte: Folha de São Paulo. Foto: Gabriela Biló.

Os argumentos em geral presentes na esfera discursiva questionavam que a prática de dupla exposição feria a ética do fotojornalismo por apelar, ou criar, uma realidade inexistente. A *hashtag* #FOLHAAPOIAOCRIME foi levada ao topo da rede social *twitter*.

Vale aqui dizer que real e realidade são coisas diferentes e na mesma Folha de São Paulo, em um passado não muito anterior à publicação do dia 19 de janeiro, foram lançadas imagens, da mesma fotógrafa, que também utilizavam a dupla exposição.



Figura 4. Fotografia da Ministra do Meio-ambiente, Marina Silva, em dupla exposição publicada no dia 13 de janeiro de 2023. Fonte: Folha de São Paulo. Foto: Gabriela Biló.

## HOMENAGEADA



### Gabriela Biló

A 16ª Mostra homenageia a fotojornalista Gabriela Biló pelo seu destaque profissional e representatividade

Figura 5. Fotografia do Ex-ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, em dupla exposição publicada no dia 19 de maio de 2021. Fonte: Folha de São Paulo. Foto: Gabriela Biló. Prêmio da ARFOC/SP. Associação de Repórteres Fotográficos e Cinegrafistas, Seção São Paulo.

Contextualizando. A foto acima usando a mesmíssima técnica, foi digna de menção de destaque do ano de 2022, quando a fotógrafa foi homenageada como “Profissional do Ano<sup>6</sup>”. Nesse momento A ARFOC parece não recuperar o seu próprio

---

<sup>6</sup> Cf. <https://bk.arfocsp.org.br/hotsite/homenageada-gabrielabilo/>

estatuto. Conferindo: no seu código de ética<sup>7</sup> artigo 12. Item V: há a única menção a manipulação de fotografias:

“rejeitar alterações nas imagens captadas que deturpem a realidade, sempre informando ao público o eventual uso de recursos de fotomontagem, edição de imagem, reconstituição de áudio ou quaisquer outras manipulações”;

Ou a ARFOC fez vista grossa e passou o pano, ou era portadora de outros conjuntos não tão claros de alinhamento com a fotografia em questão. Porém, quando da imagem da primeira página da Folha de São Paulo, rapidamente outra associação, a ABI, Associação Brasileira de Imprensa, lançou nota de repúdio ao jornal<sup>8</sup>.

Entre láureas e apedrejamentos virtuais, a questão parece não ser técnica, em que pese a técnica nucleie a crítica, alegando o aspecto ético que propõe alijar a imagem sobreposta como prática válida do fotojornalismo. Em texto deste pesquisador, publicado no instagram em 20 de janeiro de 2023:

Uma semana atrás. A mesma fotógrafa, [@gabriela.bilo](https://www.instagram.com/gabriela.bilo/), a mesma técnica, o mesmo jornal. Não vi, li, nem me lembro de debates sobre a “ética” do fotojornalismo na imagem sobreposta de Marina Silva com uma árvore. Onde está, de fato, o problema com a imagem de Lula com o vidro trincado? [...] A foto de Lula por Biló desnuda a disputa sobre o que é “adequado” ao fotojornalismo. É sobre qual e que tipo de violência queremos ver ou aceitamos modelar como massinha para encaixar na nossa visão de mundo. É um ato de colonização sobre o que pode ser visto, ou não, moralizar o visual. Marina Silva sobreposta com árvores, pode. Lula trincado, não. O mais importante é o que a imagem de Lula mostra? Ou o que ela ainda pode ser? É isso assusta muito para quem pensa, ainda, o mundo e suas imagens de acordo com a nomenclatura segundo a qual foram adestrados. Por que as imagens são como são? Como elas aparecem e causam? O que elas ainda podem ser com o passar do tempo? Ou é mais fácil apontar dedos para moralizar fenômenos estéticos interessantíssimos como o que foi plasmado pela fotografia de Biló? (SILVA JR, 2023).

#### 4. Entre valores notícia e acontecimentos.

A primeira página de um jornal é importante porque é a principal porta de entrada para os leitores, é geralmente projetada para atrair a atenção e incentivá-lo a comprar ou ler o jornal. De certo modo, dispõe visual e textualmente o que a instituição jornal considera de mais relevante no ciclo de notícias.

O encontro do leitor com as novidades da primeira página do seu jornal diário, a fixação do interesse na manchete do dia ou na foto de maior evidência, a decisão de começar a leitura por esta ou aquela notícia - eis aí um conjunto de manifestações de um fenômeno de interação que sempre a teoria dos comunicólogos consegue explicar bem (CHAPARRO, 1998, p.11).

<sup>7</sup> Cf. <https://arfocsp.org.br/codigo-de-etica/>

<sup>8</sup> Cf. <https://gazetabrasil.com.br/midia/2023/01/19/associacao-brasileira-de-imprensa-repudia-folha-por-capa-com-foto-de-lula/>

Entre o que se observa e o que se deduz, a questão não recai pela técnica e sim pelos atributos. O Presidente e o fato. Alias, que fato? A imagem é o acontecimento. Teoricamente, a discussão remonta às sistematizações do clássico de 1922, *Public Opinion*, de Walter Lipmann. Neste, a ideia de acontecimento e notícia é baseada em duas noções mais gerais: os fatos lá fora e as imagens em nossas mentes (LIPMANN, 1922, p. 3); e, os jornais não dizem o que você pensa, mas dizem sobre o que você pensa (McCOMBS e SHAW, 1993, p. 65). Essas perspectivas geram uma larga sucessão de teorias do jornalismo, onde o que leva certo fato a ser notícia, são os valores de seleção, construção e os deslocamentos entre o tema do fato e a ideia de acontecimento.

A noticiabilidade no jornalismo possui diversos pontos de vista. De um modo geral, entre autores como Traquina (2004, p. 77), Galtung e Ruge (1999, p. 71) Mitchell Stephens (1988; p. 34), Alsina (2005, p. 334), reforçam características do fato social que saltam à média dos acontecimentos cotidianos e adquirem caráter de excepcionalidade pública ou editorial, gerando o fenômeno da notícia<sup>9</sup>.

Assim, os valores-notícia procuram explicar o que leva, tendo em conta um horizonte de eventos homogêneo, este ou aquele fato ou tema ser "notável", superar o sarrafo do rotineiro e de avaliação do *ethos* jornalístico e, por fim, vir a ser notícia.

Sob outro prisma, no do conceito de "acontecimento" há o entendimento que o fato ou ocorrência, articulado às noções de atualidade e de problematização constitui o modo como Michel Foucault (1972) tematizará o que chama de uma ontologia do presente. A questão "o que é a nossa atualidade?" tem como implicação tomar a noção de acontecimento como elemento da interrogação. Interrogar a atualidade é, portanto, questioná-la como acontecimento na forma de uma problematização. Vale delimitar que em Foucault a atualidade e o presente não são a mesma coisa, e sim é construída segundo uma temporalização específica deste. O presente seria uma borda do tempo, onde convergem consequências acumulativas da atualidade.

O "acontecimento" é um tipo específico de evento ou ocorrência que se caracteriza por sua imprevisibilidade e não linearidade, irrompendo em modo de singularidade aguda, no momento em que é gerado. Podem ser vistos como fissuras de ruptura ou

---

<sup>9</sup> Os critérios geralmente circulam em torno das noções de: a) Frequência (duração do acontecimento); b) Amplitude (quanto maior a amplitude, mais provável a audição); c) Inequivocidade (quanto mais claro, mais provável a audição); d) Significância (relevante e com proximidade cultural); e) Consonância (novo acontecimento com uma velha narrativa); f) Imprevisibilidade (inesperado, raro); g) Continuidade (continuação da notícia); h) Composição (apresentação equilibrada); i) Referência a nações de elite (importância); j) Referência a pessoas de elite; k) Referência a pessoas; l) Referência a algo negativo.

descontinuidade, rompendo com as normas e práticas estabelecidas e criando novas possibilidades.

Entre os valores notícia do jornalismo e a compreensão de Foucault dos acontecimentos, uma mistura tão improvável como água e óleo, temos tanto a convergência dos critérios usados para determinar o que é notícia e também uma compreensão mais profunda do enraizamento dos seus acontecimentos. É o caso de, para além da pragmática da prática do jornalismo como também do fotojornalismo, ampliar o exame dos acontecimentos sobre o prisma dos contextos históricos, de modo a perceber os mecanismos subjacentes do “saber sobre algo”. O desafio de compreender as imagens de notícia reside, portanto no enfrentamento, nem sempre conciliatório, de duas perspectivas: a primeira, seguindo a tradição do fotojornalismo, que enfatiza o que estava à frente da câmera, o testemunho. A segunda, na desconstrução dos elementos que fazem determinada fotografia ser como é.

O que permite aproximar essas duas matrizes não é o que as separa, mas o que as justapõem. Ou seja, que os valores notícia se estruturam em uma prática baseada em um *ethos* que percebe uma certa acumulação, avaliação, comparação e confronto de experiências de fatos prévios. O conceito de acontecimento permite ver esse quadro de modo invertido. Como colocar de ponta-cabeça o iceberg que edifica a parte possível de ser vista da notícia (o presente), e revelando o que dá sua sustentação em bases sociais (a atualidade).

Na perspectiva de produção das notícias essa dinâmica pode também ser assimilada para além de uma aporia. Eventos podem ser entendidos como acontecimentos, pois se condicionam e são formados e operam na sociedade. Por exemplo, a pandemia da COVID19, tem o caráter de excepcionalidade, novidade e imprevisibilidade, mas também foi moldada pelas estruturas políticas, econômicas e científicas que determinam como ela é relatada e abordada pela mídia e pelo público.

É pois, em ambos os prismas, um agenciamento tensionado de atores e discursos envolvidos. Na imagem objeto deste texto: a) os repórteres, os fotógrafos de notícia, os sujeitos figurados na foto, no caso o presidente Lula; b) o escopo institucional: o Jornal como tal, a Presidência da República; c) e os discursos visuais, textuais, sonoros: institucionais, dos golpistas, da imprensa, das redes sociais. Esse caldo pode ser interminável, a partir das opções metodológicas envolvidas na análise de uma imagem.

De modo a encaminhar a conclusão, nos limites de espaço deste texto, a opção é, ao passo de buscar uma robustez crítica na compreensão de diversidades e significados que uma imagem pode ter e ser, orientar por “um entre” a tradição do fotojornalismo, e sua interdependência ou complementaridade, com matrizes mais subjetivas do discurso visual da notícia.

##### 5. Conclusões, ainda que provisórias.

A questão, do ponto de vista estritamente fotojornalístico, é mais fácil de resolver, cabe em três parágrafos. A crítica à imagem de Biló nasce do desconforto dos cânones e paradogmas da imagem de notícia ao serem confrontados a um fenômeno de limites incertos. O arsenal de argumentos, em breves termos, flutuam em torno de: a) uso de recursos como a fotomontagem, (mesmo sem ser estritamente como tal); b) prevalência da opinião do fotógrafo, ou fotógrafa; c) uso de manipulação e encenação; d) perda de objetividade; deturpação da realidade; e) ruptura de padrões éticos e de conduta.

Não à toa, criticando a técnica da foto específica, mas silenciando como a mesma técnica foi usada antes, por vezes elogiada e premiada, o *ethos* discursivo do fotojornalismo demonstra a sua seletividade. Senão pelos valores-notícia envolvidos na imagem, mas nos seus atributos que atam a ética e a estética, neste caso, em lógica normativa de impedimento, de incorreto, de condenável. Mas esse problema rebate para um duplo fundo. Um, normativo: o que um jornal e a notícia deve ser. Outro, de pensar a fotografia de notícia numa dimensão estrita de representação e não de implicação.

Na base da ideia de representar, o testemunho, a unicidade, a proximidade, a sincronia com o tempo dos eventos, a objetividade; geram os carimbos que autenticam o fato, transcodificando-o em notícia, sabidamente não de maneira livre de impurezas das mais diversas ordens. Este é o lado dos valores notícia, de uma pragmática da representação.

O outro ponto de vista é por que é essa imagem é como é? A resposta envolve perceber, para além das estratégias de codificação da representação do fotojornalismo, uma dimensionalidade de implicação. Ou seja, pensar as fotografias de notícia como atravessadas por uma série de questões como tentamos rapidamente provocar nesse texto. A metáfora visual possível, é entender essas implicações como um funil que absorve, mistura e atua sobre a elaboração da fotografia que está abaixo da sua boca de escoamento. Implicar na imagem diz sobre não dissociar a multidimensionalidade

envolvida e sua possibilidade de tradução visual, que não é mais tradição. A imagem de Biló, nesse caso, é uma implicação, mais dilatada do que percebê-la como representação. No topo do funil há a polarização política, a eleição acirrada, a emergência do bolsonarismo, a prisão de Lula, a eleição de 2018, o impeachment de Dilma Rouseff, os eventos junho de 2013, a sempre ameaça à frágil democracia brasileira. Esses ingredientes não acabam nunca, a depender da densidade que percebemos estes e outros elementos de implicação. São os dados de atualidade, que se cristalizaram naquele presente.

Prosseguindo, essa dilatação pressupõe um questionamento do que se vê na imagem enquanto singularidade do tempo e espaço. Duas fotos, momentos diferentes, espaços diferentes de enquadramento. A articulação da dupla-exposição em um certo sentido, quebra a representação linear dos acontecimentos, do instante decisivo, da precisão do foco como mal-estar da objetividade.

Implicar no fotojornalismo, e aqui vai a dose de provocação deste texto, talvez seja justamente atar a dimensão da opinião pública à abordagem estética. Não no sentido de hipertrofiar plasticamente a imagem, o esteticismo. A imagem de Biló, reverbera esse regime imagético ao perceber um todo interdependente entre estética-ética-política que sempre andam juntos. Se a crise é política e ética, a estética e a técnica as explicam. E assim por diante, de modo complementar e sem limites rígidos. Pois, em que pese o paradoxo, a separação dessa tríade, na prática dos acontecimentos, só é possível teoricamente.

A outra questão troca de sinal. No eixo da esfera pública e no debate que seguiu depois da publicação, se discutia o discurso visual da imagem. Ou seja, a imagem implicada, torna-se acontecimento. Passa a ser o problema, e nem de perto, o que foi tema da reunião palaciana de onde partiram as fotografias. Alguém é capaz de lembrar? Na primeira página da Folha da São Paulo, a imagem é resultado de uma implicação. Mas também é implicadora de como algo pode ser apresentado ao público. Lula estava sendo assassinado? Está resistindo, pois, o vidro não se rompeu? É uma alegoria das incertezas sobre o novo governo? É uma ilustração sobre a intentona golpista? Semioses à parte: é algo disso? Nada disso? Algo a mais?

O problema mais nítido que resulta é a possibilidade de uma estética da implicação no fotojornalismo. Pois transfere a motivação do debate do acontecimento da coisa mesma para a sua imagem? Como desdobramento, podemos pensar como isso informa

os valores-notícia, ou seja, se a imagem-acontecimento passa a constituir um conjunto de valores como elemento da teoria da notícia.

Destarte, antes de cair na inocência de que as imagens implicadas do fotojornalismo passam automaticamente a ser entendidas como uma superação, ou mesmo emancipação de práticas, por haver um certa postura de resistência à tradição e ao *ethos* costumeiro, é preciso questionar sua elaboração entre o que é atual e o que é presente. Há, lado a lado, o potencial de mudança, e também de resistência nos debates. Um dissenso está formado.

Nesse sentido, pode ser possível abrir novas possibilidades de transformação, e dar voz a perspectivas e alternativas. O nosso esforço aqui é muito menos no sentido de tomar partido de uma deontologia do fotojornalismo em modo estanque, nem também afirmar sem responsabilidade, mais uma vez... que o fotojornalismo acabou. É sim, de indicar como relações estéticas, políticas e éticas, começam a atravessar de outro modo a dimensão pública das imagens de notícias, para além dos argumentos sobre a técnica utilizada.

O trabalho de Gabriela Biló é antes de qualquer coisa, um sintoma. Aqui tentou-se indicar como resultante de uma implicação. Esta, não é exclusiva do fotojornalismo. Tem um alcance multidimensional nos regimes da fotografia contemporânea. Perceber sob esses prismas, seja talvez somente o primeiro passo.

### Referências Bibliográficas.

- ADES, Dawn. **Photomontage**. Barcelona: Gustavo Gilli, 2002.
- ALSINA, Miquel Rodrigo. **La construcción de la noticia**. Barcelona: Paidós, 2005.
- BILÓ, Gabriela. **A verdade vos libertará**. São Paulo: Fósforo, 2023.
- BILÓ, Gabriela. Múltipla Exposição. **ZUM: Revista Semestral de Fotografia**. Número 24. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2023.
- CAPISTRÁN, Jacob. **Fotomontaje**. Madrid: Cátedra Editorial, 2008 [1976].
- LIPMANN, Walter. **Public Opinion**. New York: The free press, 1922.
- McCOMBS, Maxwell e SHAW, Donald. **The Agenda Setting Function of Media**. Public Opinion Quaterly, Vol 36., 1972.
- STEPHENS, Mitchell. **História das comunicações: do tantã ao satélite**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- FINNEMAN, Mia. **Faking It: manipulated photography before the photoshop**. Metropolitan Museum of Art. New Heaven: Yale University Press, 2012.
- FOUCAULT, Michel. (1972) **A arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1972.
- SILVA JR. José Afonso. **Instagram do Autor**.CF:  
<https://www.instagram.com/p/CnpLKnpLuf-1yGmVE2Q98P3AZhHJPT6u6ys8AA0/>  
Consultado em 26 de junho de 2023.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Editora Insular, 2004.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – PUC-Minas – 4 a 8/9/2023

TUCHMAN, Gaye. Making News, A Study in the Construction of Reality. New York: The Free Press, 1978.